

RESENHA

**Gender Hurts: a feminist analysis of the politics of
transgenderism**

Sheila Jeffreys.

Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014, 215p.

Fernanda Goulart Lamarão

Mestranda em Direito Penal e Especialista em Ciências Criminais e Segurança
Pública pela UERJ.

Resenha recebida e aceita em fevereiro de 2015.

Quais são as consequências do surgimento do transgênero enquanto categoria política e acadêmica? Quais são os efeitos para as comunidades gay e lésbica? O fenômeno da transgeneridade é, afinal, transgressor ou conservador? Essas e outras questões foram postas e analisadas por **Sheila Jeffreys**, autora de *Gender Hurts*, lançado em 2014, ainda sem edição em português.

Professora na Universidade de Melbourne, na Austrália, Sheila Jeffreys escreve sobre história e políticas da sexualidade, ganhando especial notoriedade ao expor de forma sistematizada críticas à política *queer*. Sua trajetória, contudo, é bastante ampla, uma vez que já produziu trabalhos sobre a danosidade dos padrões de beleza¹, a industrialização do sexo e a prostituição², o papel da religião no cerceamento dos direitos das mulheres³, a construção da lesbianidade⁴, entre outros temas. Desde o início do livro aqui apresentado, Sheila Jeffreys afirma que seu trabalho, assim como o de Janice G. Raymond⁵, oferece uma abordagem crítica acerca do fenômeno da transgeneridade, o que se coaduna com sua militância enquanto feminista radical, embora não a resuma, como se depreende das suas demais pesquisas.

Sheila Jeffreys mostra, nos dois primeiros capítulos do seu livro, que a transgeneridade como prática surgiu num esforço médico de normatizar recém-nascidos intersexo, incluindo, mas não se limitando a cirurgias genitais de adequação que tinham por objetivo o enquadramento dos corpos. Nessa conjuntura, foi concebido o termo gênero, pois se tais crianças não pertenciam nem ao sexo feminino, nem ao sexo masculino, apresentando caracteres sexuais de ambos, elas pertenceriam a um “gênero” feminino ou masculino⁶.

¹ *Beauty and Misogyny: Harmful Cultural Practices in the West*. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2005.

² *The industrial vagina: the political economy of the global sex trade*. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2009.

³ *Man's dominion: religion and the eclipse of women's rights in world politics*. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2005, 2012.

⁴ *The lesbian heresy a feminist perspective on the lesbian sexual revolution*. North Melbourne, Victoria: Spinifex, 1993.

⁵ *The Transsexual Empire: the making of she-male*. Londres e Nova York: Teachers College Press, 1994.

⁶ Atualmente, cirurgias de adequação genital em recém-nascidos com dimorfismo sexual são alvo de críticas, porquanto, se pondera que o indivíduo poderá *se identificar* com o gênero diverso daquele imposto.

Assim, a autora desenvolve seu argumento com o objetivo de demonstrar como a ideologia e a prática da transgeneridade ofuscam a categoria mulher⁷ e não desestabilizam a binaridade de gênero, reforçando, em verdade, a noção de papéis sexuais e essencializando o “gênero”.

Nesse ponto, tal como Janice Raymond, Jeffreys sustenta que a transgeneridade é uma maneira sofisticada de controlar e ajustar o comportamento, seja a nível individual, seja social, pois ao essencializar a ideia de gênero, como categoria ontológica, intensifica as expectativas edificadas, sobretudo, em torno de pessoas do sexo feminino, uma vez que vivemos numa sociedade androcentrada.

Merece especial destaque, ainda, a análise de como tal discurso foi incorporado pelas comunidades gay e lésbica por meio da teoria *queer* – em clara oposição ao feminismo lésbico. Nesse contexto, a autora aponta similaridades entre a concepção da homossexualidade como categoria e o surgimento da transgeneridade, bem como a desconstrução da ideia de que tais categorias são inatas – perspectiva esta que é dominante atualmente, a despeito do entendimento delineado por teóricas feministas da segunda onda. Estas últimas atribuíam à lesbianidade natureza de constructo social⁸.

No terceiro capítulo, a autora discute a danosidade decorrente da categorização do sujeito como transgênero. Apresenta desde os efeitos psicológicos até os físicos de tal categorização, bem como o processo de *de-transitioning* [processo de reversão das mudanças realizadas durante a transição]. Traz, para tanto, relatos de pessoas que lamentam ter se submetido a intervenções médicas de “redesignação sexual”, tais como, cirurgias faciais e de mutilação de genitais e processos de ingestão de hormônios. Não por é acaso, como afirma Jeffreys, que tais situações ainda são pouco relatadas na

⁷ Jeffreys, Sheila. *Gender Hurts* etc. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, p. 42.

⁸ Adrienne Rich, por exemplo, analisou criticamente a heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres e a existência lésbica como uma forma de resistência. Cf. “*Compulsory heterosexuality and Lesbian Existence*” In *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985*. Norton Paperback: Nova York 1994.

literatura. Não seria diferente quando se verifica que a noção de gênero tem por fundamento o sistema político de dominação masculina.

Após evidenciar a quem tais práticas interessam, ou seja, à classe médica e à indústria farmacêutica, Sheila Jeffreys inicia o exame das consequências sociais, políticas e legais da construção da transgeneridade. Parte de depoimentos de mães, namoradas e esposas de indivíduos transgêneros (tanto do sexo feminino, quanto do masculino), para demonstrar o impacto do fenômeno na *casta sexual*⁹ mulher, ampliando seus efeitos sobre crianças identificadas como transgêneras, questão esta que ganha popularidade dia após dia nos Estados Unidos.

Finalmente, a autora investiga os resultados práticos das campanhas promovidas por transativistas em prol do conceito de identidade de gênero, como, por exemplo, o acesso a espaços como prisões femininas, toaletes femininas, abrigos de vítimas de violência doméstica, locais estes que foram originalmente destinados às mulheres como forma de resguardá-las da violência perpetrada por homens. Assim, segundo Sheila Jeffreys, ao recepcionar a ideologia em questão, a legislação franqueia o ingresso de pessoas do sexo masculino em espaços até então exclusivos de pessoas do sexo feminino - conquista alcançada nos anos 1970 pelo movimento feminista - o que poderia comprometer a segurança, dignidade e privacidade das últimas. Um dos resultados deste conflito é que muitas mulheres ao reclamarem por espaços exclusivos¹⁰ são acusadas de transfobia.

Enfim, da leitura de Jeffreys, conclui-se que a ideologia da transgeneridade, acolhida não só pela academia, mas reproduzida por parte do

⁹ Jeffreys, *Gender Hurts* etc, p. 05.

¹⁰ Jeffreys cita, entre outros exemplos, o *Michigan Womyn's Music Festival*, evento destinado exclusivamente a pessoas do sexo feminino e que despertou intensa hostilidade e retaliações de transativistas nos Estados Unidos. No livro, a autora narra que mulheres relataram sofrer de transtorno de estresse pós-traumático após tentarem comparecer ao evento. Recentemente, na cidade de São Paulo, a Coletiva Feminista Radical Manas Chicas organizou um evento também destinado exclusivamente a pessoas do sexo feminino no qual foram discutidos temas relacionados ao que é ser socializada mulher, desde o nascimento, em uma sociedade patriarcal. Assim como nos EUA, o encontro organizado por feministas radicais brasileiras e as mulheres que demonstraram intenção de comparecer foram alvo de ataques, havendo relatos de mulheres que receberam ameaças a sua integridade física antes, durante e depois do evento. <https://manaschicas.wordpress.com/2015/02/17/sobre-os-ataques-ao-festival-de-feminismo-radical-so-as-manas/>

movimento feminista, enfraquece a própria existência da categoria mulher enquanto sujeito do feminismo¹¹ e invisibiliza os anseios e interesses da casta sexual feminina. Em verdade, a autora conclui que a noção de gênero propagada pela ideologia e prática da transgeneridade, embora defendida como um discurso transgressor, fortalece papéis sexuais, conferindo especial status à concepção de feminilidade e robustecendo um sistema ideológico que justifica e organiza a subordinação das mulheres, pois naturaliza abstrações sobre personalidade e normas de aparência que controlam e limitam a vida de mulheres ao redor do mundo.

¹¹ Butler também analisa o status da mulher como sujeito do feminismo e a diferença entre sexo e gênero. Cf. Butler, Judith P. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 1990, ix do prefácio.